

## O contacto entre Línguas

### O crioulo e o "castrapo": Especial Referência ao caso da Galiza.

*José Luis Valinha Reguera*

#### ***1)INTRODUÇÃO.***

O contacto entre línguas costuma gerar situações de uma grande complexidade. Existe nestes casos um intercâmbio, mais ou menos fluído, entre idiomas, que pode chegar a desfigurar, em maior ou menor medida um deles, ou os dous.

Neste trabalho tentarei analisar as distintas situações que este processo pode levar consigo, com especial referência ao caso concreto da Galiza. Particularmente, a estandarização duma língua vem a ser especialmente complicada quando nela há interferências duma outra, máxime quando esta tem um status dominante ou superior. O exame das opções estandarizadoras que se podem adoptar pelo poder político-linguístico, de qual a efectivamente adoptada em cada caso, dos critérios que se seguem na escolha e, ainda, do diferente critério seguido para a língua dominante com respeito à

língua dominada; pode iluminar decisivamente sobre as verdadeiras intenções deste poder político-linguístico. Quer dizer, se realmente a estandarização adoptada para uma das línguas em contacto vai dirigida ao seu favorecimento ou, subliminalmente, ao seu desaparecimento e suplantação pela outra, normalmente a dominante.

O contacto entre línguas tem-se dado em inúmeras ocasiões ao longo da história, desde o instante em que um povo invadiu ou dominou outro impondo à nação submetida o seu idioma. Já estes fenómenos se deram no latim quando começa a ser falado nas províncias do Império Romano por pessoas que empregavam inicialmente os falares locais, pessoas que aprendem a língua do Império ensinada muitas vezes por quem, além disso, falavam uma variante não culta do latim (soldados, comerciantes, etc): O resultado foi a deformação dos idiomas locais e o seu posterior desaparecimento, e a deformação do latim, o que veio a contribuir para o surgimento das actuais línguas romances ou neo-latinas.

Modernamente, línguas como o castelhano, o francês, o inglês, ou o português são levadas pelos colonizadores para fora dos seus territórios de origem, e ali estes idiomas entram em contacto com outros falares locais, por vezes muito diferentes estruturalmente do idioma do colonizador.

Particularmente, na Galiza, um idioma vizinho, o castelhano, entra em contacto já no fim da Idade Média com o galego-português local, ocupando aquele um status superior por ser a língua dominante da nova Administração, da Cultura, da Igreja..... A peculiaridade desta situação não é outra do que a natural semelhança e proximidade linguística do português e do castelhano, o que facilita a interinfluência linguística recíproca e o intercâmbio em todos os níveis da linguagem. Este intercâmbio ou interinfluência recíproca pode, no entanto, não ser suficientemente advertido pelos próprios falantes, devido à já referida semelhança, e fazer estes errarem nalgumas apreciações relativas, nomeadamente, à correcção das noções que eles têm a respeito da sua língua; todo o qual havemos de estudar na parte final deste trabalho.

Mas para chegarmos ao esclarecimento de todas estas questões, temos primeiramente de fixar alguns conceitos. Isto é o que vamos fazer no seguinte epígrafe.

## II) CONCEITOS PRÉVIOS.

Como acabámos de dizer, toda colonização dá pé ao contacto entre duas línguas: uma, a língua dominante, é a do colonizador, a que este impõe ao povo dominado, quer directamente, quer indirectamente, fazendo dela a fala do poder, da cultura e das instituições. O colonizado sabe que tem de aprender para ascender na posição social ou para se relacionar com o poder.

Mas o idioma do colonizado fica submetido a fortes conotações negativas para os seus próprios falantes, normalmente de baixa extracção social. É a língua baixa, alheia ao status superior, a língua que o colonizador não fala, a língua que distingue e marca quem a emprega como possuidor de um baixo nível cultural. Em resumo, a língua que não é útil.

Neste momento, o colonizado sente a necessidade de aprender a língua do colonizador para poder ascender na escala social. Mas a sua baixa cultura faz este aprendizado ser imperfeito, o que gera uma dupla consequência:

a) O nativo colonizado não aprende bem o idioma do poder, porque o que realmente aprende é uma variante desta tão influida pela sua fala nativa, que faz aquela ficar totalmente desfigurada e alterada nas suas linhas estruturais fundamentais (fonologia, morfologia, léxico e sintaxe). Isto é o que se conhece com o nome de "*crioulo*". No crioulo não se reconhece já o idioma dominador. Naquele há longínquos ecos deste, mas o falante da língua dominante que não conheça ou pelo menos possa compreender crioulo, não percebe quase nada.

Isto foi o que aconteceu em muitos dos países onde a língua portuguesa foi importada. Assim, fala-se dos crioulos do português, não já como variedades do português, mas como línguas derivadas do português<sup>1</sup>. Estes crioulos partem duma base comum, constituída pela língua portuguesa, se bem

---

<sup>1</sup>Assim, Vázquez Cuesta e Mendez Luz: "*Gramática portuguesa*" Edições 70. Lisboa. Tradução de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos, da Edição original Espanhola da Editorial Gredos. Vid. Págs. 39 e ss., 49, e 145-152. Recolhe os seguintes crioulos: o cabo-verdiano, o da Guiné, o de S. Tomé, Príncipe e Ano Bom, o indo-português, o de Macau, o malaio-português e o de Timor (pág. 49). Além disso: "um dialecto crioulo português constitui a base da língua crioula de Curaçau-idioma cujo vocabulário se enriqueceu posteriormente com todo

que, deformada esta pelas falas locais em todos os seus níveis linguísticos, chega a se tornar quase irreconhecível para um falante português<sup>2</sup>.

---

um aluvião de termos espanhóis e holandeses-, e na região do alto rio Surinam, na Guiana holandesa, conserva-se o *saramaca tongo* ou *djoe tongo*, que é também um crioulo português, frente ao crioulo inglês da costa, denominado o *taki-taki*.

E cruzando o Novo Mundo para chegar ao Pacífico, escutam-se canções portuguesas mesmo em longínquas regiões de Java, ilha em que persistem tradições e orações de procedência lusa. Numa das suas aldeias, Tugu, próximo de Batavia (cidade que possui, transformada em museu, uma bela e riquíssima igreja da época da evangelização lusitana), a população cristã serve-se ainda de um dialecto crioulo português.

São portugueses, em Tenasserim e Tavoy (Bornéu), os cânticos sagrados do Natal e dos Reis, e numa ilha do mar de Sonda, Flores, cujo nome português se conservou, a gente das aldeias recita nesta língua ladainhas e orações.

Podem também ouvir-se frequentemente termos portugueses em toda a península malaia, e em Singapura, e até mesmo em Malaca, que deixou de pertencer a Portugal em 1.641, persiste entre a gente idosa dos campos o antigo dialecto português crioulo.

Como continuação do antigo *macaista*, o crioulo português de Macau, existe um dialecto português em Hong-Kong falado por umas duas mil pessoas e dão-se coincidências tão curiosas entre o dialecto de Macau e os crioulos espanhóis das ilhas Filipinas, (*ermitaño*, *caviteño* e *zamboeño*) que se chegou a pensar que estes últimos talvez tenham como base comum o *ternateño* ou dialecto hispano-malaio-português falado em Ternate, quando a Espanha sucedeu a Portugal na posse da dita ilha.

Fala-se também um crioulo português -o denominado *Fa d'Ambú*, '*Fala de Ano Bom*'- na ilha deste nome, província espanhola até Outubro de 1968 e hoje pertencente à República da Guiné. Esta ilha é povoada por umas duas mil pessoas, mas existem quase outros tantos habitantes de Ano Bom na vizinha Fernando Pó que mantêm o seu dialecto materno....."(págs. 42-44).

Também Celso Cunha e Lindlei Cintra "*Nova Gramática do português contemporâneo*". Edições Sá da Costa. Lisboa, 6ª Edição, Maio 1.989, págs.23 e 24: ".....o grau de afastamento"(dos dialectos crioulos) "em relação à língua-mãe é hoje de tal ordem que, mais do que como DIALECTOS, os crioulos devem ser considerados como LÍNGUAS derivadas do português.

Os crioulos de origem portuguesa em África, que são os de maior vitalidade, podem ser distribuídos espacialmente em três grupos:

I). Crioulos do Arquipélago de Cabo Verde, com as duas variedades:

- A)de Barlavento, ao norte, usada nas ilhas de Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boavista;
- B)de Sotavento, ao sul, utilizada nas ilhas de Santiago, Maio, Fogo e Brava.

II)Crioulos das ilhas do Golfo da Guiné:

- A)de São Tomé;
- B)do Príncipe;
- C)de Ano Bom (ilha que pertence à Guiné Equatorial).

III)Crioulos continentais:

- A)da Guiné-Bissau;
- B)de Casamance (no Senegal).

Dos crioulos da Ásia subsistem apenas:

A)o de Malaca, conhecido pelas denominações de *papiá cristão*, *malaqueiro*, *malaquês*, *malaquenho*, *malaquense*, *serani*, *babase geragau* e *português basu*;

B) o de Macau, *macaista* ou *macauenho*, ainda falado por algumas famílias de Hong-Kong;

C)o de Sri-Lanka, falado por famílias de Vaipim e Batticaloa;

D)os de Chaul, Korlai, Tellicherry, Cananor e Cochim, no território da União Indiana.

Na Oceania sobrevive ainda o crioulo de Tugu, localidade perto de Jacarta, na ilha de Java."

<sup>2</sup>Quanto aos crioulos do espanhol Vid. Alonso Zamora Vicente: "*Dialectología española*". Biblioteca románica hispánica. Editorial Gredos. Madrid. Segunda Edición, 1.967, 5ª reimpresión, 1.989. Sobre o *papiamento* da ilha de Curaçau, págs.441-447. Quanto ao espanhol das ilhas Filipinas e os seus crioulos(*ermitaño*, *caviteño* e *zamboeño* ), págs.448-454. Assim, na pág. 442: "una lengua criolla nace del contacto de dos lenguas distintas, que se acercan y comprenden dificultosamente. De esta fricción surge una lengua de emergencia, que se va madurando en determinadas condiciones. Es claro que al llegar a Curaçao los españoles impusieron su lengua a los dominados, pero como este cambio no puede ser un hecho súbito, y como, por otra parte, los europeos no entendían la lengua de los indígenas, surge momentáneamente una lengua que tiene como base la de los dominadores, despojada de elementos flexionales y aumentada por elementos indígenas. Las sucesivas y más modernas capas de la lengua dominadora importada acaban por hacer desaparecer ese estado intermedio....."

b)O nativo colonizado tenta esquecer a sua língua para adquirir correctamente a dominante. Tenta substituir as palavras daquela pelas desta. Deste jeito, o idioma colonizado nativo, vê-se empobrecido e impregnado da fala do colonizador, da língua dominante, em todos os seus níveis (morfológico, fonológico, léxico e sintáctico). Mas aquí o idioma dominante não impregnou o suficientemente ao dominado como para este se tornar irreconhecível. A língua nativa dominada reconhece-se como tal, mesmo por falantes doutras áreas linguísticas onde ela não joga o papel de dominada, ainda que as interferências tornam, por vezes, dificultosa a compreensão.

Isto é o que se conhece, entre outros, e dependendo de quais sejam as línguas em contacto, com os nomes de spanenglish (espanhol e inglês em Puerto Rico ou no Sul dos Estados Unidos), portunhol(português e espanhol, por exemplo, em Olivença), castrapo (galego ou português da Galiza e castelhano ou espanhol, na Galiza), patois, etc.

Um claro exemplo deste fenómeno pode-se estudar no castelhano falado no Sul dos Estados Unidos, e no Estado Associado de Puerto Rico. Este castelhano, fortemente influenciado pelo inglês, não alterou ainda as suas características essenciais, mas em numerosos aspectos fonológicos, morfológicos, léxicos e sintácticos, o espanhol nativo misturou-se com o inglês, bem que não chegando ao grau de deformação do crioulo. Um hispano-falante pode entender este castelhano, mas pode bater com um número importante de obstáculos que impeçam uma compreensão total, e mesmo, por vezes, parcial. Aquela fala nativa é reconhecida como castelhano, mas soa muito estranha para um falante oriundo da Espanha, por exemplo. Por vezes *"no se entiende nada"* ou *"se entiende mal, suena raro"*.

Cousa semelhante, referida ao português, acontece nalgumas vilas fronteiriças da Espanha, particularmente em Olivença, onde se pode escutar ainda entre a gente mais idosa o português típico do Alentejo, embora semeado de arcaísmos e, sobretudo, castelhanismos e outros fenómenos dialectais<sup>3</sup>.

Crioulo e spanenglish (ou castrapo, ou portunhol, ou patois) têm em comum derivarem dum

---

<sup>3</sup>Rezende Matias, Fátima: *"Português e Espanhol em contacto em Olivença"*, in "Nós (Revista galaico-portuguesa de cultura)".Pags. 7-30. Vázquez Cuesta, Pilar; e Méndez da Luz, Albertina: *Op. cit.* Pág. 73..

processo de contacto entre língua dominante e língua dominada. O crioulo é a língua dominante deformada pela dominada até se tornar distinta daquela. O spanenglish (ou castrapo, ou portunhol, ou patois) é a língua dominada deformada pela dominante, mas sem chegar a se tornar distinta daquela. Quer dizer, o spanenglish é ainda língua dominada, embora deformada. O crioulo já não é língua dominante, deixou de o ser e veio a ser uma outra coisa. A diferença seria esta: o crioulo já não é língua dominante, mas o spanenglish, castrapo ou portunhol ainda é língua dominada.

Crioulo e spanenglish não são situações estáticas. Ora, vêm a ser coisa semelhante a uma fotografia dum objecto em movimento. Apenas são conceitos que servem para explicar fenómenos essencialmente dinâmicos: O crioulo deixará de ser crioulo paulatinamente, a pouco e pouco, consoante a língua dominante e colonizadora se for impondo efectivamente ao povo dominado. O povo dominado aprenderá a falar a língua dominante, se bem que pode acontecer o fenómeno contrário: o povo dominado, politicamente independente ou não, decide esquecer a fala do colonizador e cultivar a própria, ou conservar a fala do colonizador como segunda língua ou língua franca. O spanenglish (ou castrapo, ou portunhol, ou patois), também, deixará de o ser quando a língua dominante tiver impregnado a nativa, até ao ponto de esta se tornar irreconhecível, ficando tão-só um substrato ou leve influência dela na dominante, que o povo colonizado já aprendeu com correcção. Ora, também pode acontecer que o povo dominado, quer politicamente independente quer não, decida igualmente esquecer a fala do colonizador, ou conservá-la como segunda língua, cultivando a língua própria e, caso assim for, esta torne a recuperar a sua pureza.

E, finalmente, não se pode esquecer que crioulo e spanenglish (ou castrapo, ou portunhol, ou patois) não estão sós: Assim, o crioulo português convive com o português puro, falado pela população mais culta, e com os falares nativos, mais ou menos impregnados de português, quer dizer, mais ou menos spanenglish. O spanenglish do castelhano dos Estados Unidos convive com o inglês. O português castelhanizado em Olivença (portunhol) convive com o espanhol mais ou menos aportuguesado da gente mais idosa (que tem já pouco de crioulo, mas simplesmente é de castelhano aportuguesado ou com substrato português, que se pode calificar este falar) e com o castelhano mais

ou menos puro das pessoas novas, cultas ou forasteiras. Pode, ainda, haver uma língua dominante em estado puro, um crioulo desta, uma língua nativa dominada pura e um spanenglish (ou castrapo, ou portunhol, ou patois) desta (esta complexa situação caracteriza a Galiza).

### ***III) POLÍTICA LINGUÍSTICA: A ESTANDARIZAÇÃO.***

#### ***a) Política linguística.***

Chegados a este ponto, uma política linguística tem de optar por alguma destas alternativas:

1) Conservar uma das duas línguas em contacto eliminando a outra, ou conservar uma delas como primeira língua e a outra como segunda.

2) Pretender um bilinguismo perfeito, quer dizer, as duas na mesma consideração pelos falantes, sem haver língua alta nem língua baixa.

3) Conservar as variantes misturadas (crioulo e spanenglish(ou castrapo, ou portunhol, ou patois)) e uma ou as duas variantes puras em contacto inicial (língua dominante e/ou dominada). Isto levaria ao cultivo do crioulo (como tem acontecido, p. exemplo, em Cabo-Verde ou na ilha de Curaçau) ou do spanenglish(ou castrapo, ou portunhol, ou patois) como língua de cultura, o que está a acontecer ainda hoje na Galiza.<sup>4</sup>

Não é objecto deste trabalho defender uma das anteriores opções, embora a segunda, que pretende um bilinguismo perfeito (português e falas nativas nas ex-colónias portuguesas, espanhol e inglês nos Estados Unidos, português e espanhol em Olivença, castelhano e galego na Galiza) me pareça ilusória e inviável num mundo como o de hoje. Sempre haverá uma das línguas que tenha vantagem por ser o idioma dos meios de comunicação social, da cultura, ensino, etc e normalmente será a dominante (o português e o inglês, ou o castelhano no caso da Galiza ou Olivença). Com o

---

<sup>4</sup>Vázquez Cuesta, Pilar e Méndes da Luz, Albertina: *op. cit.* Pág. 49 e 146.  
Zamora Vicente Alonso: *op.cit.* pág .442.

tempo, a dominada será a prejudicada e desaparecerá<sup>5</sup>.

A terceira, parece-me inútil: conservar a língua dominante obedece a razões práticas (o português é útil para os cidadãos das ex-colónias, o inglês para os hispanos dos Estados Unidos, o castelhano para os galegos), conservar a nativa obedece ao desejo de preservar a identidade cultural de um povo (castelhano para os hispanos dos EEUU, línguas nativas para os cidadãos das excolónias portuguesas, galego-português para os galegos). Conservar as variantes misturadas(crioulo e spanenglish(ou castrapo, ou portunhol, ou patois)) parece-me empobrecedor e inútil.

Portanto, só o primeiro grupo de opções me parece viável e, dentro delas, eu optaria, se se quisesse conservar a língua nativa, pelo cultivo dela como primeira língua, que seria a língua do poder, do ensino, dos meios de comunicação, etc; e pelo cultivo da dominante, pela sua utilidade, como segunda língua que permita uma comunicação internacional.

A solução contrária, língua dominante primeira, nativa segunda, levaria ao desaparecimento desta, que os seus falantes abandonariam por a considerarem inútil.

### ***b)Estandarização.***

Mas, quanto à estandarização, quer dizer, a definição e normatização dum nível culto nas duas línguas em contacto, as soluções podem ser estas, no plano puramente teórico ou especulativo:

---

<sup>5</sup>Rezende Matias, Fátima: Op. cit, pág. 28. Sustém a opinião contrária à minha: "O bilinguismo não é, como alguns pensam, uma situação indesejável; entendemos que, em muitos casos, 'two languages are worth two men'. Mas, umas linhas antes, reconhece: "Fala-se ainda português em Olivença, mas um português bastante espanholizado e cuja sobrevivência está em risco. Por isso, embora entendamos que a salvaguarda do património cultural, que os portugueses deixaram em Olivença, é da competência dos próprios oliventinos, não podemos deixar de lamentar a perda que julgamos enterver, como lamentaríamos se, por qualquer cataclismo, para sempre ficassem destruídos a igreja de Sta Maria Madalena, o convento de São Francisco ou o palácio dos duques de Cadaval", e, ainda, "Não é possível mudar a direcção dos ventos da História; em Olivença fala-se hoje predominantemente espanhol. Mas talvez os oliventinos ainda consigam, se assim quiserem, que não se deixe de falar também português na sua terra....." Acho difícil que um bilinguismo possa garantir a conservação do português em Olivença, porque, no dia de hoje, a força expansiva do castelhano como língua da cultura, do poder, da Administração, da televisão, etc; é tal, que os falantes, como já fizeram no passado e no presente, continuariam a postergar o português no futuro. E se se quiser conservar em Olivença o português como língua estrangeira, é claro que a população vai preferir o inglês. Concordo com que a decisão há-de vir dos próprios falantes, mas as consequências de um bilinguismo pretendidamente igualitário só virão a trazer o definitivo desaparecimento do português como língua de Olivença.



a) Quanto à **língua dominante** em contacto (inglês nos EEUU, português nas excolónias, espanhol em Olivença). São possíveis estas opções:

1) Estandarizar a variante culta da metrópole ou outra variante culta de importância (nos Estados Unidos o inglês americano, nas ex-colónias portuguesas o português de Portugal ou do Brasil, espanhol peninsular em Olivença).

2) Criar e estandarizar uma nova variante culta, em pé de igualdade com a da metrópole, que recolhesse as peculiaridades fundamentais e imprescindíveis dos falantes da mesma que existam no lugar onde as duas línguas contactam. (Assim, criar-se-ia um inglês standar próprio do Sul dos Estados Unidos, que recolheria os traços mais significativos dos hispanos que nessa zona falam correctamente o inglês em pé de igualdade com as outras variantes do inglês, p.ex. o de Inglaterra. No caso português, criar-se-ia um português culto de Cabo-Verde, de Macau, de Timor, etc. Quanto ao castelhano de Olivença, só se tem optado pela primeira possibilidade, quer dizer, o ensino nas escolas do castelhano estándar peninsular.

3) Estandarizar o crioulo que se fala, tal qual ele se fala. Já vimos como esta é a solução adoptada em Curaçau ou em Cabo-Verde, sendo esta a solução que se tenta impor na Galiza desde os centros de poder espanhóis e autonómicos..

Sem que as três opções sejam necessariamente incompatíveis, pois que podem ter lugar conjuntamente algumas delas, sequer temporalmente (pode-se estandarizar não uma, mas várias das línguas ou falares em contacto): Por exemplo, em Cabo-Verde convive a estandarização do crioulo, com a do português.

b) Quanto à **dominada**, são possíveis estas opções:

1) Escolher como língua culta o standar que se fale noutras áreas onde a língua nativa não é dominada. (No caso do castelhano dos EEUU, assumir o standar do castelhano de Espanha, de México, etc. No caso do português de Olivença, os luso-falantes oliventinos assumirem o português

standar de Portugal<sup>6</sup>). No caso da Galiza, escolher como língua culta o chamado “padrão” do português de Portugal.

2) Criar e estandarizar uma outra variante culta do idioma nativo, em pé de igualdade com as outras variantes cultas, admitindo as peculiaridades fundamentais da fala das pessoas cultas que cultivem a sua fala nativa nessas regiões e suprimindo as interferências nela da língua dominante (assim, no castelhano, criar um castelhano estándar próprio do Sul dos EEUU, em pé de igualdade com as outras variantes que, todas elas, integram o diassistema da língua castelhana: Espanha, México, Argentina, etc. No português de Olivença, criar um português standar para Olivença (esta possibilidade, claro, puramente teórica, nunca se concretizou), em pé de igualdade com o de Portugal, Brasil, etc).

3) Estandarizar o spanenglish ou portunhol, quer dizer, a língua nativa assumindo como próprias as interferências nela da dominante. Solução esta que também se tem levado à prática em ocasiões<sup>7</sup>.

Ao meu ver, tanto a opção “a-3” como a “b-3” (estandarização do crioulo ou do spanenglish (ou castrapo, ou portunhol, ou patois), ou do português castelhanizado em Olivença) é inútil e empobrecedora, pelo mesmo motivo que anteriormente me pareceu inútil e empobrecedora a conservação destes falares misturados (crioulo e spanenglish ou portunhol) como línguas de cultura.

Só as opções que tentem, quer estandarizar a língua dominada criando um standard próprio da zona onde ela vive como dominada, quer acolher-se a um standard próprio duma zona onde ela não viva como dominada, são a meu ver as correctas: assim no caso galego as normativas da AGAL e das

---

<sup>6</sup>Neste sentido, a aula de português que, desde há alguns anos, se imparte em Olivença com professorado procedente de Portugal, e promovida pela Câmara Municipal da vila.

<sup>7</sup>Isto tem acontecido com o spanenglish do castelhano dos EEUU (pense-se na recente edição do Quixote em spanenglish. Quanto ao português de Olivença, não houve intentos sérios de estandarização, mas sim alguma obra literária isolada optou por esta possibilidade quer dizer, escrever em português castelhanizado tal qual ele é falado em Olivença: Existe um poema, “Te fostes da vila”, cujo autor é Curro Gadella, redigido no português castelhanizado oliventino, e incluído na “Antología de poetas oliventinos”, edição do Exmo Ayuntamiento de Olivença, na pág. 199 (os demais poemas da antologia estão redigidos em castelhano). É o que se tenta impor desde o poder na Galiza.

Irmandades da Fala, respectivamente, e isto porque sempre é de preferir manter a unidade das línguas, quando menos no fundamental e dentro dum mesmo sistema; do que potenciar a disgregação dos falares locais, e mais ainda quando misturados.

O que parece mais lógico é, seja qual for a opção que se tome, que ela seja a mesma para as duas línguas em contacto. Assim, no Sul dos EEUU, não é muito lógico que para o Inglês se decida "1" (estandarizar inglês americano como língua culta dos anglo-falantes da zona) e para o castelhano se decida "3" (estandarizar o spanenglish, o lógico seria, p.ex. assumir como estándar para os hispano-falantes o castelhano de México ou um estándar próprio do castelhano do Sul dos EEUU, depurado de anglicismos, isso sim) e, mutatis mutandi, o mesmo aconteceria com o português em Olivença. Escolher uma possibilidade para a língua dominante que preserve a sua unidade (1) e para a dominada uma outra que favoreça a sua disgregação (3), faz suspeitar que o poder político tenta destruir a dominada. É suspeito que se tente falar da recuperação do castelhano nos Estados Unidos estandarizando o spanenglish e, porém, o inglês culto da zona seja o estándar dos EEUU; porque no caso do castelhano se estaria a favorecer a sua disgregação das outras variantes do seu sistema (Espanha, México, Argentina), e no caso do Inglês a sua unidade. Aqui pareceria que há uma intenção sorrateira do poder político de destruir o castelhano. E, mutatis mutandis, o mesmo é que se pode dizer do português de Olivença, ou na própria Galiza.

#### ***IV) CONCLUSÕES: O CASO DA GALIZA.***

Tudo o dito anteriormente é aplicável à Galiza:

Nela há uma complexa situação de contacto entre línguas, que são:

1) Castelhano correcto em maior ou menor medida, falado pelas pessoas cultas. É a língua dominante.

2) Crioulo castelhano, falado por muitos galegos de baixo nível cultural, de fala materna galego-

portuguesa, ao pretenderem expressar-se em castelhano<sup>8</sup>. A proximidade entre o galego-português e o castelhano faz este crioulo não ser tão diferente da língua dominante como acontece noutros casos (assim, o crioulo castelhano da Galiza, chamado também “castrapo”, é muito mais semelhante ao castelhano puro do que o crioulo português de Cabo-Verde respeito do português).

3) Galego-português correcto em maior ou menor medida (também chamado “português da Galiza” ou “galego”); falado por pessoas muito conscientizadas da importância da sua língua, do perigo de desaparecimento dela que só julgam evitável partindo da sua consideração dentro do diassistema luso-brasileiro-africano de expressão portuguesa, e não como idioma independente do português. Costumam ser pessoas ligadas ao nacionalismo político galego.

4) Spanenglish do galego-português, quer dizer, galego-português mais ou menos castelhanizado; chamado também “portunhol”, “castrapo”, “patois”, falado por pessoas de baixo nível cultural cuja fala está mais ou menos influida pelo castelhano oficial. Algumas das suas variantes ou, melhor dito, uma mistura delas, tem sido estandarizada, oficializada e imposta como “galego” qualificando este como “língua irmã pero diferente” do português; e um sub-produto castelhanizado dela é falada como língua “solene ou litúrgica” pelas instituições oficiais da Autonomia Galega, as quais rejeitam, como é óbvio, para o “galego”, as denominações antes ditas de “galego-português” ou “português da Galiza”, por considerarem o galego, como dissemos, “língua irmã pero diferente do português” (Veja-se a nota nº 9).

A peculiaridade desta situação não é outra do que a natural semelhança e proximidade linguística do português e do castelhano, o que facilita a interinfluência recíproca e o intercâmbio em todos os níveis da linguagem. Este intercâmbio pode, no entanto, não ser suficientemente advertido pelos próprios falantes, devido à já referida semelhança, e fazer estes errarem nalgumas apreciações, três delas fundamentais ao meu ver:

---

<sup>8</sup> As palavras, giros e expressões próprias do galego-português ou português da Galiza inçam o castelhano falado pelos galegos: Vid. Durão, Carlos: *“Galeguismos no castelhano falado por galegos”*, in O ENSINO. Revista galaico-portuguesa de sócio-pedagogia e sócio-linguística. Ourense, Braga, Vila-Real. Números 18-22. Págs. 219-222. Entre eles (em cursiva a forma galego-portuguesa, em normal, a castelhana): *colo-regazo*, *pega-uraca*, *pardal-gorrión*, *esmagar-aplastar*, *pombal-palomar*; formas verbais: *fuéramos-habíamos ido*, *fuistes-fuiste*, *fuisteis*, *habéis ido*, *tengo ido*-he ido; além de inúmeros mais.

1) Considerarem próprias duma das línguas expressões e giros linguísticos que realmente são peculiares da outra. (assim, os castelhanismos inçam o português da Galiza, mas o castelhano que na Galiza se emprega também não é correcto, por surgirem expressões e giros sintácticos portugueses por toda a parte na conversa, o que já foi anteriormente apontado).

2) Não terem uma noção correcta sobre a ubicação da sua fala no contexto das que a rodeiam. Assim, consideram o galego, por vezes, língua diferente do português, mas isto é consequência directa do ponto anterior, pois que as diferenças entre o galego e o português são castelhanismos no galego, castelhanismos que, pela natural semelhança entre as duas línguas, castelhano e português, podem ser inadvertidos e tidos por próprios do galego pelos seus próprios falantes, o que pode trazer o erro de achar que há mais diferenças entre o galego e o português do que realmente há.

3) Terem numa baixa estima o idioma que falam (o galego-português), por o considerarem pouco distinguido, (distinção que se atribui normalmente à língua dominante, a castelhana), e por ignorarem que ela possa ser, noutras áreas do planeta, idioma distinguido e de cultura (assim, considera-se na Galiza que falar galego ou português da Galiza é falar mal e falar castelhano falar bem, ignorando que as diversas outras variantes que se falam no mundo, como o português de Portugal ou do Brasil, são tão línguas de cultura como o castelhano, sendo mesmo veículos de uma importante literatura).

#### ***a) Política linguística.***

Quanto à decisão de política linguística, na Galiza, o mesmo que para Catalunha e Euskadi, tem-se optado por um bilinguismo sobre o papel (cfr. Art. 3 da Constituição Espanhola vigente, e art. 5 do Estatuto da Autonomia da Galiza) respeito do qual já expressei as minhas dúvidas sobre a sua viabilidade prática (mesmo que não seja o objecto deste trabalho). De facto, estas normas não têm impedido a queda do galego como língua materna, e o forte descenso do número de falantes no meio tanto urbano como rural e, o que é ainda mais grave, entre as camadas mais novas da população. Assim falam as estatísticas, muito embora exista a aparência de que se fala mais galego devido, em

parte, a que hoje não está mal visto falá-lo em âmbitos onde há alguns anos ninguém se atrevia, ora por medo (não era grato ao poder político daquela época ou estava, sem mais, proibido) ora por vergonha (É o caso da televisão autonómica, do Parlamento Autonómico, em parte do ensino, etc). O galego vai tornando-se hoje, de dia em dia, numa língua litúrgica: a língua do parlamento autonómico, do canal autonómico de Televisão, a língua na que por vezes fala o Presidente do Governo Autonómico (Junta da Galiza) e os membros deste; nas escolas ensina-se uma assinatura de galego (o resto do ensino, excepções à parte, é quase tudo em castelhano), numa cooficialidade mais que teórica. Mas a realidade é que o número de falantes tem diminuído e continua a fazê-lo.

### ***b)Estandarização.***

Quanto à estandarização, surpreende observar como, tal e como já foi apontado anteriormente, o poder político não pode ser mais incosequente a respeito das duas línguas que convivem na Galiza: o castelhano e o galego-português ou português da Galiza.

No que ao galego-português diz respeito, estandariza o “spanenglish” galego, chamado também “portunhol” ou “castrapo”, favorecendo a separação do galego como língua independente do diassistema luso-brasileiro que lhe é próprio, e rejeitando as denominações de “galego-português” ou “português da Galiza”. Opta, não pela unidade, mas pela separação (*divide y vencerás* -diz o ditado castelhano), quer dizer, pela possibilidade “b-3” já referida.<sup>9</sup>

Quanto ao castelhano da Galiza, prefere o “a-1”, ou seja, o castelhano estándar puro (*“mondo y lirondo”* -diz de novo o ditado castelhano), o que implica optar pela unidade.

Desagregação para o galego-português, ferrenha unidade para o castelhano. Bem se pode ver que o poder político opta decididamente pelo castelhano como língua de cultura da Galiza, relegando o galego-português ao puramente folclorizante, simbólico e circunstancial; o que faz duvidar seriamente

---

<sup>9</sup>Real Academia da Língua Galega e Instituto da Língua Galega: *Normas Ortográficas e Morfolóxicas do idioma Galego*. 3ª Edição, outubro, 1.983. Vid. Particularmente as págs. 7 e 8: “...o punto de partida e de chegada en calquera escolla normativa ha de ser sempre o galego, que non debe sacrificá-las súas características propias e relevantes en beneficio das dunha lingua irmá, pero diferente.”.

da veracidade das suas proclamas em prol da língua própria da Galiza.

Só os chamados “lusistas” ou “reintegracionistas”, conseqüentemente com a sua defesa da fala galega, têm optado pelas soluções “b-1” ou “b-2”, quer dizer, a língua da cultura da Galiza é o português, quer a variante estándar portuguesa (Assim, “Irmandades da Fala da Galiza e Portugal”, entre outras associações)<sup>10</sup>, quer uma variante culta própria da Galiza, mas dentro do diassistema luso-brasileiro (Assim, “Associação Galega da Língua”)<sup>11</sup>.

Só qualquer das soluções defendidas pelos “lusistas” ou “reintegracionistas”, já apontadas, podia trazer, caso ainda fosse possível, a efectiva recuperação do galego ou língua portuguesa da Galiza.

### ***V) UM TEXTO DE ÁLVARO CUNQUEIRO.***

Para mostra de tudo o que levamos dito, transcrevemos um texto do grande escritor galego Álvaro Cunqueiro, que empregou o português da Galiza nas suas obras, se bem que numa variante misturada ou “spanenglish”, quer dizer, num galego muito castelhanizado e cheio de formas dialectais. Se a correcta estandarização do galego-português na Galiza fica ainda por fazer, tanto ou mais acontecia na época de Álvaro Cunqueiro (meados do século XX), o que faz que ele possa ser considerado um grande escritor que, por desgraça, nem pôde nem teve a oportunidade de utilizar um instrumento linguístico de melhor qualidade.

O texto, tomado de “Escola de Menciñeiros”<sup>12</sup> vai ser transcrito, primeiramente, como aparece

---

<sup>10</sup>Assim, Irmandades da Fala da Galiza e Portugal: *Prontuário ortográfico da Língua galego-portuguesa*. in *Temas de O ENSINO* nº 213, *Revista galego-portuguesa de sócio-pedagogia e sócio-linguística*. Ourense, Braga, Vila-Real. Também, Alonso Estravis, Isaac: *Breves aportações para uma ortografia galega*. in *Estudos filológicos galego-portugueses*. Alhena Ediciones. Madrid, 1.987

<sup>11</sup>Associação Galega da Língua (Comissom Linguística): *Estudo Crítico das ‘normas ortográficas e morfológicas do idioma galego’*. 1.983. Também *prontuário ortográfico galego*. 1.985.

<sup>12</sup>Álvaro Cunqueiro: *“Escola de Menciñeiros. Fábula de varia xente”*. Editorial Galaxia. Vigo. 1.969, págs. 112 e 113.

na edición de Galáxia Editora, tal e como, presumivelmente, Cunqueiro o escribiu. Depois vai transcrito en spanenglish ou castrapo estandarizado polo poder político autonómico galego. A seguir, segundo a proposta das asociacións partidárias de considerarem o portugués estandar como a variante culta do galego. Transcreve-se, en último lugar, a súa tradución para o castelano a fin de que, deste xeito, o lector possa julgar o que realmente pretende cada unha das opcións de estandarización que se têm proposto para o galego na Galiza.

VERSÃO NÚMERO 1 (transcrição literal).

*“O CORVO BRANCO.*

*Iste corvo branco veuse no Valedouro fai algúns anos, na parroquia de Budián. Tódolos da parroquia o viron, menos o crego, que andaba pirmeiro bulrento, pro despoixas, habendo tantos testes enrabexábase cando lle viñan coa nova de que se vira o corvo branco en tal terra. O corvo branco non era branco como a neve, que era medio marelo, i andaba pólas sementeiras, e fuxíanlle os outros corvos. Os señoritos de Ferreira de Valedouro, que sempre os houbo alí con escopeta, saíron a cazalo, pro non lle acertaron.*

*Hai xente que dice que o corvo non era tal corvo, senón un tal Pousada, de Xerdiz, prestamista. Uns descoñecidos entraron na súa casa unha noite e queimaron tódolos papés e recibos que atoparon. Non se levaron unha peseta. Comeron e beberon, eso sí. Ó día seguinte, o Pousada morréu. Díxose que ún dos que queimaran os papés fora un cura de perto de Viveiro, e que o fixo por caridá. A xente do país comenzou a decatarse de que o corvo branco víase acarón das casas dos que lle debían cartos a Pousada. Un xastre chamado Presas mandou decir unha misa póla ialma de Pousada, i o corvo partiu e non volvéu a ser visto.*

*-Non berraba coma os outros corvos, díxome un de Muras. Eu non o oín, pro os que o oíron, imitábano mui ben. Berraba “¡Viiinde, viiinde!”. Chamaría pólos cartos que tiña estrados por ahí.*



*-E logo, ¿os cartos oien?*

*-Oir, oirán ou non. ¡o caso é que entenderan!*

*Pousada era coxo, viudo e sin fillos. Tiña máis dunha ducia de relós, de bolsillo e de pulseira, e sempre levaba con il tres ou catro. Sería para atender á puntualidade dos réditos. Herdouno unha sobriña, que estaba servindo en Barcelona. Veu a recoller a herencia acompañada do seu pretendente, un murciano alto, moreno, que tocaba a guitarra, e merendaba tódolos días de Deus melocotón en almíbar. A sobriña non deu créto ningún ás novas de que o corvo branco fora o seu tío Pousada"*

VERSÃO NÚMERO 2 (castrapo ou "spanenglish" oficial).

*"O CORVO BRANCO.*

*Este corvo branco viuse no Valedouro hai algúns anos, na parroquia de Budián. Tódolos da parroquia o viron, menos o crego, que andaba primeiro bulrento, pero despois, habendo tantos testes enrabexábase cando lle viñan coa nova de que se vira o corvo branco en tal terra. O corvo branco non era branco coma a neve, que era medio amarelo, e andaba polas sementeiras, e fuxíanlle os outros corvos. Os señoritos de Ferreira de Valedouro, que sempre os houbo alí con escopeta, saíron a cazalo, pero non lle acertaron.*

*Hai xente que di que o corvo non era tal corvo, senón un tal Pousada, de Xerdiz, prestamista. Uns descoñecidos entraron na súa casa unha noite e queimaron tódolos papeis e recibos que atoparon. Non levaron unha peseta. Comeron e beberon, iso si. Ó día seguinte, o Pousada morreu. Díxose que ún dos que queimaran os papéis fora un cura de perto de Viveiro, e que o fixo por caridade. A xente do país comezou a decatarse de que o corvo branco víase acarón das casas dos que lle debían cartos a Pousada. Un xastre chamado Presas mandou dicir unha misa pola alma de Pousada, e o corvo partiu e non volveu a ser visto.*

*-Non berraba coma os outros corvos, díxome un de Muras. Eu non o oín, pero os que o oíron, imitábano moi ben. Berraba “¡Viiínde, viiínde!”. Chamaría polos cartos que tiña estrados por ahí.*

*-E logo, ¿os cartos oíen?*

*-Oír, oirán ou non. ¡o caso é que entenderan!*

*Pousada era coxo, viuvo e sen fillos. Tiña máis dunha ducia de reloxios, de peto e de pulseira, e sempre levaba con el tres ou catro. Sería para atender á puntualidade dos réditos. Herdouno unha sobriña, que estaba servindo en Barcelona. Veu a recoller a herdanza acompañada do seu pretendente, un murciano alto, moreno, que tocaba a guitarra, e merendaba tódolos días de Deus péxego en almíbar. A sobriña non deu creto ningún ás novas de que o corvo branco fora o seu tío Pousada”*

VERSÃO NÚMERO 3 (português da Galiza)<sup>13</sup>.

*“O CORVO BRANCO.*

*Este corvo branco foi visto no Valedouro há alguns anos, na freguesia de Budiã. Todos os da*

<sup>13</sup>A versão em português estándar(3) pode parecer algo diferente da original(1), bem que, apesar das aparências, aquela é linguisticamente mais correcta. O leitor pode observar como foi adoptada a verdadeira ortografia do galego (ela não pode ser outra do que a portuguesa), a qual substitui a ortografia castelhana do original(1) e da versão estandarizada (2) do castrapo. Mudou-se assim, de “ñ”, “ll”, “x” ou “-n final” castelhanos; para “nh”, “lh”, “j” ou “-m” final galego-português. Além disso, alguma palavra do original foi suprimida e substituída por uma outra, o que não obedece a ter traduzido do original como se este fosse um idioma diferente. Sempre que foi substituída uma variante pela outra, fez-se tendo presente que ambas as duas são possíveis em português e em galego, a original e a que a substituí, embora esta última seja considerada estilisticamente mais correcta, no entanto, a primeira, ou é dialectalismo ou vulgarismo ou castelhanismo; próprios eles todos duma fala ainda não estandarizada (e quando o foi, foi-o incorrectamente, veja-se versão (2)). A versão (3) responde a um nível culto e supra-dialectal da versão (1), esta última escrita em dialecto rústico castelhanizado impróprio do nível culto. Não se pode culpar disto a Álvaro Cunqueiro, já que ele, como muitos outros escritores galegos, trabalharam numa época onde a influência do castelhamo, língua em que alfabetizados eles todos, não permitia observar com claridade estas questões. É no dia de hoje, com umas circunstâncias históricas radicalmente diferentes, quando uma estandarização com os critérios da versão (2) pode suscitar dúvidas no que diz respeito às verdadeiras intenções do estandarizador para com a língua estandarizada, como já ficou apontado com anterioridade.

Neste sentido, veja-se Manuel Rodrigues Lapa, *“Estudos galego-portugueses. Por uma Galiza renovada”* Sá da Costa Editora. Lisboa. 1ª Edição. 1.979.

*freguesia o viram, a não ser o padre, que andava primeiro burlão, mas depois, havendo tantas testemunhas enraivecia quando lhe vinham com a nova de que se vira o corvo branco em tal terra. O corvo branco não era branco como a neve, que era meio amarelo, e andava pelas sementeiras, e fugiam-lhe os outros corvos. Os senhoritos de Ferreira de Valedouro, que sempre os houve ali com espingarda, saíram a caçá-lo, mas não lhe acertaram.*

*Há gente que diga que o corvo não era tal corvo, senão um tal Pousada, de Gerdiz, prestamista. Uns desconhecidos entraram na sua casa uma noite e queimaram todos os papéis e recibos que encontraram. Não levaram uma peseta. Comeram e beberam, isso sim. Ao dia seguinte, o Pousada morreu. Disse-se que um dos que queimaram os papéis fora um padre de perto de Viveiro, e que o fez por caridade. A gente do país começou a precatar-se de que o corvo branco se via em frente das casas dos que deviam dinheiro a Pousada. Um xastre chamado Presas mandou dizer uma missa pela alma de Pousada, e o corvo partiu e não voltou a ser visto.*

*-Não berrava como os outros corvos, disse-me um de Muras. Eu não o ouvi, mas os que o ouviram, imitavam-no muito bem. Berrava "Viiinde, viiinde!". Chamaria pelo dinheiro que tinha estrado por aí.*

*-E logo, o dinheiro ouve?*

*-Ouvir, ouvirá ou não. o caso é que entendeu!*

*Pousada era coxo, viuvo e sem filhos. Tinha máis duma dúzia de relógios, de bolso e de pulseira, e sempre levava consigo três ou quatro. Seria para atender á pontualidade dos juros. Herdou-o uma sobrinha, que estava servindo em Barcelona. Veio para recolher a herança acompanhada do seu pretendente, un murciano alto, moreno, que tocava guitarra, e merendava todos os dias de Deus péssego em açúcar. A sobrinha não deu crédito nenhum às novas de que o corvo branco fora o seu tio Pousada"*

VERSÃO NÚMERO 4(tradução castelhana).

*"EL CUERVO BLANCO.*

*Este cuervo blanco fue visto en Valedouro hace algunos años, en la parroquia de Burdián. Todos los de la parroquia lo vieron, menos el cura, que andaba primero burlón, pero después, habiendo tantos testigos, rabiaba cuando le venían con la noticia de que se había visto al cuervo blanco en tal tierra. El cuervo blanco no era blanco como la nieve, que era medio amarillo, y andaba por las siembras, y le huían los otros cuervos. Los señoritos de Ferreira de Valedouro, que siempre los hubo allí con escopeta, salieron a cazarlo, pero no le acertaron.*

*Hay gente que dice que el cuervo no era tal cuervo, sino un tal Pousada, de Gerdiz, prestamista. Unos desconocidos entraron en su casa una noche y quemaron todos los papeles y recibos que encontraron. No se llevaron una peseta. Comieron y bebieron, eso sí. Al día siguiente, Pousada murió. Se dijo que uno de los que quemaron los papeles había sido un cura de cerca de Viveiro, y que lo hizo por caridad. La gente del país empezó a percatarse de que al cuervo blanco se le veía junto a las casas de los que le debían dinero a Pousada. Un sastre llamado Presas mandó decir una misa por el alma de Pousada, y el cuervo partió y no volvió a ser visto.*

*-No gritaba como los otros cuervos, me dijo uno de Muras. Yo no lo oí, pero los que lo oyeron lo imitaban muy bien. Gritaba: "¡Veniiiiid, veniiiiid!". Llamaría al dinero que tenía desperdigado por ahí.*

*-Entonces, ¿el dinero oye?*

*-Lo que se dice oír, oirá o no. ¡El caso es que entendió!*

*Pousada era cojo, viudo y sin hijos. Tenía más de una docena de relojes, de bolsillo y de pulsera, y siempre llevaba consigo tres o cuatro. Sería para atender a la puntualidad de los réditos. Lo heredó una sobrina que estaba sirviendo en Barcelona. Vino a recoger la herencia acompañada de su pretendiente, un murciano alto, moreno, que tocaba la guitarra, y merendaba todos los días de Dios*

*melocotón en almíbar. La sobrina no dio crédito alguno a las noticias de que el cuervo blanco había sido su tío Pousada."*

José Luis Valinha Reguera.

Badajoz, em oito de Outubro de 1.999.

### ***BIBLIOGRAFIA.***

\_Vázquez Cuesta e Mendez Luz: *"Gramática portuguesa"* Edições 70. Lisboa. Tradução de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos, da Edição original Espanhola da Editorial Gredos.

\_Celso Cunha e Lindlei Cintra *"Nova Gramática do português contemporâneo"*. Edições Sá da Costa. Lisboa, 6ª Edição, Maio 1.989.

\_Zamora Vicente Alonso: *"Dialectología española"*. Biblioteca románica hispánica. Editorial Gredos. Madrid. Segunda Edición, 1.967, 5ª reimpresión, 1.989.

\_Real Academia da Língua Galega e Instituto da Língua Galega: *Normas Ortográficas e Morfolóxicas do idioma Galego*. 3ª Edição, outubro, 1.983.

\_O ENSINO, *Revista galego-portuguesa de sócio-pedagogia e sócio-linguística*. Ourense, Braga, Vila-Real.

\_Alonso Estravis, Isaac: *Estudos filológicos galego-portugueses*. Alhena Ediciones. Madrid, 1.987.

\_Associação Galega da Língua(Comissom Linguística):

- *Estudo Crítico das 'normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego'*.1.983. -*Prontuário ortográfico galego*. 1.985.

-*Revista Agália*.

\_Manuel Rodrigues Lapa, *"Estudos galego-portugueses. Por uma Galiza renovada"* Sá da Costa Editora. Lisboa. 1ª Edição. 1.979.

\_NOS, *Revista galaico-portuguesa da cultura*. Ourense, Braga, Vila-Real.

**Nota:** Este trabalho está também disponível em internet, no web do Grupo de Amigos de Olivença.